

AFETIVIDADE E GRAVIDEZ INDESEJADA, OS CAMINHOS DE VÍNCULO MÃE-FILHO

VIVIANE MILBRADT¹

RESUMO

As mulheres vem almejando e conquistando o mercado de trabalho a cada dia, tornando-se participantes ou responsáveis pelo orçamento familiar e cultivo de interesses profissionais, sociais e outros. Ter um filho pode acarretar conseqüências bastante significativas, como privações reais, afetivas e econômicas que podem aumentar a tensão, a regressão e a ambivalência, intensificando sua frustração, ressentimento, raiva, culpa, que muitas vezes influenciam nas vivências da gravidez e podem alterar a forma da mãe vincular-se ao filho.

Assim, os resultados desta pesquisa indicam que os caminhos da afetividade, que são permeados pela rejeição e sentimento de culpa, vivenciados numa gravidez indesejada, influenciam no vínculo mãe-filho, tendo o feto, o bebê e o filho participação importante no desencadeamento e intensificação dessa a partir da forma como a mãe interpreta seus comportamentos.

¹ Psicóloga Aluna egressa do curso de Especialização em educação. Núcleo de Educação Biocêntrica. UFPel Orientanda do Prof. Dr. Agostinho Mario Dalla Vecchia

Palavras-chave: Gravidez indesejada – afetividade – comunicação materno-fetal – vínculo mãe-bebê – vínculo mãe-filho.

ABSTRACT

The women it is longing and conquers the labor market to each day, becoming participants or you were murmuring for the familiar budget and cultivation of professional, social interests and different. To have a son can bring quite significant consequences, like real, affectionate and economical deprivations that can increase the tension, the regression and the ambivalence, intensifying his frustration, resentment, rage, fault, which they very often influence the existences of the pregnancy and can alter the form of the mother to be linked to a son.

So, the results of this inquiry indicate that the ways of the affection, what are permeated by the rejection and guilty conscience, survived in a pregnancy undesirable, influence the bond mother-son, having the fetus, the baby and the son important participation in the appearing and intensification of this from the form as the mother interprets his behaviours.

Keywords: Pregnancy undesirable – affection – communication motherly - fetal – bond mother-baby – bond mother-son.

INTRODUÇÃO

De acordo com Prado (2006), considero relevante os estudos que tratam das relações entre pais e filhos pelo fato dessas constituírem-se o ponto de partida da vida de cada indivíduo humano, pois é a partir delas que se constroem as bases da personalidade e a estrutura do self. Assim, busquei, com essa pesquisa, esclarecer minhas dúvidas e ampliar meus conhecimentos sobre comunicação materno-fetal, vínculo mãe-bebê, vínculo mãe-

filho, bem como a afetividade e suas implicações nesses processos de comunicação em casos de gravidez indesejada.

Ao realizar a conclusão do meu Trabalho Final de Graduação do Curso de Psicologia, no ano de 2004, através de estudos e entrevistas com puérperas do município de Dona Francisca-RS, constatei novos problemas a serem explorados e aprofundados e dentre eles o escolhido para o atual estudo. Com isso, voltei, também, às origens da minha pesquisa, fazendo nova entrevista adaptada ao novo tema, aproveitando a oportunidade de observar a relação de uma das mães com seu filho, que está hoje na faixa dos três anos de idade.

A atenção especial a esse tema deu-se devido à minha preocupação com a qualidade da relação mãe-filho, que acredito ser originada já no ventre; relações essas de afetividade que poderão marcar, permear e se perpetuar, por toda nossa vida, em nossos relacionamentos e em nossas vivências.

Penso, também, na importância do tema em relação ao apoio que poderá dar aos profissionais que atendem gestantes, puérperas e mães, para que essas possam ter uma assistência mais qualificada, onde possam curtir e vivenciar essa experiência de forma mais saudável, sem mágoas ou ressentimentos que, futuramente, possam vir a influenciar de forma negativa essas relações.

Sabe-se que com a descoberta da gravidez já começam a ocorrer uma gama de reestruturações da gestante frente às novas experiências, sendo estas modificações físicas, endócrinas, psicológicas e sociais, bem como o início da comunicação materno-fetal. Assim, a maternidade e a paternidade são experiências marcantes e mobilizadoras na vida de cada mulher e de cada homem, estendendo-se também aos demais familiares que experimentam modificações importantes, quando nasce um novo bebê. Nesse sentido, guiei-me pelo seguinte questionamento para realizar esta pesquisa: O percurso da afetividade na gravidez indesejada influencia no vínculo mãe-filho?

Assim, para a coleta de dados, foram utilizadas três entrevistas semi-estruturadas: entrevista guiada que, segundo

Richardson (1999), é utilizada particularmente para descobrir que aspectos de determinada experiência produzem mudanças nas pessoas expostas a ela. O pesquisador tem conhecimento prévio dos aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula pontos a tratar na entrevista, ou seja, as perguntas dependem do entrevistador e o entrevistado tem a liberdade de expressar-se como quiser guiado pelo entrevistador.

Conforme Richardson (1999), entre as diversas técnicas de análise de conteúdo, a mais antiga e mais utilizada, é a análise por categoria e, entre suas possibilidades, a mais utilizada, por ser mais eficaz, sempre que se aplique a conteúdos diretos e simples, é a análise temática. Essa consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes que serão utilizadas, de acordo com o problema pesquisado, para então ser comparado com outros textos escolhidos da mesma maneira.

E, finalmente, para a fundamentação teórica da pesquisa, utilizei fontes como Toro, Winnicott, Piontelli, Brazelton e Cramer e demais autores que se preocupam também, assim como eu, em aprofundar estudos que enfatizam a importância das primeiras relações entre pais e filhos na vida dos seres humanos.

1. CAMINHOS DA AFETIVIDADE NA GRAVIDEZ INDESEJADA

As narrativas, ao longo do texto, contemplarão vivências, onde a afetividade compreenderá, especialmente, o amor, a ternura, bem como o ódio, a rejeição, a raiva, a culpa, etc. Segundo Toro (2002), é por meio da afetividade que nós nos identificamos com as outras pessoas e assim somos capazes de compreendê-las, amá-las, protegê-las, ou, ao contrário, agredi-las e rejeitá-las.

A afetividade também expressa suas formas patológicas, sendo os impulsos autodestrutivos uma delas. Pode-se pensar que esse fato ocorreu na vivência do caso I, desenvolvido em nosso trabalho, onde a tentativa de aborto estaria relacionada, também, a essa forma patológica expressa pela destrutividade, pois se sabe que

as práticas abortivas colocam em risco tanto a vida das mães quanto a dos fetos.

Para Bee (1984), a ligação afetiva é o desejo de estabelecer ou manter contato com uma pessoa específica, assim, os comportamentos de vínculo são as diversas formas que fazemos para estabelecer contato visual. A autora apresenta duas etapas no desenvolvimento da ligação afetiva entre a criança e os pais, onde, primeiramente, há um vínculo que se forma no nascimento ou logo depois desse, de forma que é fortalecido pela oportunidade de engajamento em comportamentos de ligação mútuos com o bebê.

Nesse momento, gostaria de ressaltar, complementando os achados da autora citada acima, que, segundo a análise das falas das mães, percebeu-se que o estabelecimento da ligação afetiva entre a criança e os pais, ou seja, o vínculo originário, pode ter sido estabelecido já no ventre a partir do processo de comunicação materno-fetal e, também, paterno-fetal, e, conseqüentemente, fortalecido após o nascimento.

Conforme Toro (2002), a afetividade é complexa e permanece ao longo do tempo por ser um sentimento. Prova disso são as recordações. Implica também a participação da consciência, da memória e da representação simbólica. Aqui, pode-se pensar que a mãe com culpa de um dia ter rejeitado seu feto, possa ser influenciada por esse sentimento negativo na hora de comunicar-se com seu filho e esse, um dia, sofrer as possíveis conseqüências dessa relação sensível entre a rejeição, a culpa e a tentativa de compensação disso tudo por parte da mãe.

“ENTRE A EMOÇÃO DAS BATIDAS DO CORAÇÃO E OS CHUTES DO FETO”, A CULPA E O PERDÃO

Este será identificado como “Caso 1”. Foi a primeira entrevista, realizada no dia 22 de agosto de 2007. Na referida data, a mãe estava com 23 anos de idade, casada e seu filho com 3 anos e 4 meses, nascido de cesárea. A escolha dessa mãe teve um motivo especial e marcante, pois ela participou da minha primeira pesquisa a

que citei anteriormente. Então, o fato de eu conhecer a trajetória dessa gravidez facilitou o levantamento de dados e fez também com que eu vivenciasse, novamente, a emoção proporcionada pela pesquisa, aguçando minha sede de saber e analisar a vivência de uma gravidez indesejada e suas prováveis influências na comunicação mãe e filho de um modo geral, bem como o percurso da afetividade nesse processo.

Nesse momento, vou deter-me em fatos observados no relato dessa mãe. Para ela, a descoberta da gravidez foi um momento que causou desespero, tristeza, negação, rejeição e ódio do feto, o que levou, conseqüentemente, a sentir culpa, baixa auto-estima e esconder a barriga por sentir nojo do corpo grávido. Assim, os meses iniciais da gestação foram marcados, também, por sentimentos de medo do filho nascer defeituoso pela tentativa de aborto, mágoa, sentir-se suja e, com isso, a alteração do sono.

Após o quinto mês de gestação, começou lentamente o processo de aceitação, com isso sentia-se arrasada, triste, depreciava-se, sentia-se mal, a culpa era marcante, sentia-se pesada, relacionava os movimentos do feto (chutes) a cobranças pela rejeição. Ao mesmo tempo, uma ambivalência afetiva era bastante presente, pois, em determinados momentos, sentia-se motivada, alegre, mas uma alegria limitada por ver o noivo feliz e realizado com a chegada do bebê e ela não tanto. Aqui, um momento marcante foi o relato sobre a emoção ao escutar pela primeira vez as batidas do coração do feto, começando então a pedir perdão para ele (comunicação mãe-feto).

Do 7º mês de gestação até o nascimento do bebê, o sentimento de culpa ainda permanecia forte e persistente, a aceitação já era maior, aparecia, já, a ansiedade em ver o filho e livrar-se do corpo grávido. Uma baixa auto-estima permanecia em função disso, não se entregava como mãe e, conseqüentemente, sentia o arrependimento, não se perdoava, pedia muito perdão ao filho e começava a amá-lo.

Após o nascimento, levando em consideração a relação mãe-bebê, os sentimentos presentes eram de muita culpa, não conseguia entregar-se por inteiro como mãe, sentia-se limitada nessa relação, onde os primeiros cuidados com o bebê sempre tinham a atitude

paterna. Aos poucos, então, foi surgindo a necessidade do contato com o bebê, a relação de carinho e o crescimento do amor pelo mesmo.

Atualmente, a relação mãe-filho ainda é marcada pela culpa. A mãe apresenta comportamentos com o intuito de compensá-lo (ser mais permissiva, tolerante, presentear o filho), sente arrependimento pelas atitudes tomadas, nojo de si, tem medo de ser rejeitada pelo filho, sente-se mal e perseguida pela culpa. Ainda tem a sensação de não conseguir entregar-se por inteiro para o filho e, em função desse sentimento de culpa, acha que ele é mais apegado ao pai e relaciona isso ao fato de tê-lo rejeitado um dia. Sente raiva na hora de dar limites, quando o filho é desobediente e tristeza com a reação do mesmo ao sentir-se chateado pelo limite. Aqui, às vezes, volta o sentimento de rejeição ao filho. A auto-cobrança persiste, mas não impede o carinho, a preocupação com a educação, a proteção e o amor pelo filho.

CAMINHOS DO PAVOR, DÚVIDA, CHORO, RAIVA AO AMOR, PROTEÇÃO E ALEGRIAS

Este será identificado como “Caso 2”. Foi a segunda entrevista, realizada no dia 03 de outubro de 2007. Na referida data, a mãe estava com 27 anos de idade, casada e seu filho com 6 anos e 11 meses, nascido de parto normal.

Notemos que nem sempre a descoberta de uma gravidez é bem aceita por uma mãe, nesse caso foi um momento de pavor, desespero, dúvida, omissão, choro, negação, rejeição, raiva e pensamentos relacionados ao aborto. Com isso o arrependimento em não ter tomado as precauções para ter evitado a gravidez e sentia-se traindo os ensinamentos passados pela sua mãe. A ambivalência afetiva, em um dado momento, foi tanto da gestante quanto do pai da criança. Ela relatou sentir-se totalmente desestruturada, quando ele falou que também não sabia o que queria, pois ela o considerava seu porto seguro, mas, com o passar dos meses, a decisão de ter o filho foi tomada por ambos.

A partir do 3º mês, com a decisão tomada e vendo a aceitação da família, a gestante, então, começou a curtir sua nova etapa de vida, passou a aceitar essa gravidez com alegria, dedicação e proteção, tanto que os cuidados com a própria saúde estavam presentes. Não conseguia achar seu corpo grávido bonito, mas isso não influenciava na aceitação. Sentia uma forte preocupação com a saúde do bebê pelo fato de ter tomado uma medicação antes de saber que estava grávida. Um fato marcante foi a emoção forte ao ouvir, pela primeira vez, a batida do coração de seu filho, onde o amor por ele era pleno a partir de então. Até o nascimento, foram essas as experiências marcantes, bem como a preocupação com os preparativos para a chegada do primeiro filho.

Após o nascimento, enfatizando a relação mãe-bebê, o sentimento de amor pleno era evidente, a súper-proteção, o cuidado, a preocupação, o cansaço e a euforia estavam presentes. No primeiro mês de vida, aconteceu um fato que marca até hoje a mãe: um leve descuido e quase seu bebê se sufoca no cobertor. Após essa experiência, surgiu a culpa e o medo de perder o filho, tanto que ele passou a dormir no quarto do casal, onde está até hoje. Esse fato a mãe reconhece que é necessidade dela também, ou seja, ter o filho por perto e saber que ele está bem e de ter tempo de socorrê-lo, pois ele sofre de uma doença que, às vezes, o impede de respirar normalmente, o que ela, às vezes, associa a sua rejeição inicial.

Atualmente, a relação mãe-filho é permeada por um amor indescritível, super-proteção, cuidado, alegrias, mas o medo de perder o filho está presente. Relaciona a maternidade com boas mudanças internas que lhe ocorreram, onde o filho trouxe mudanças positivas para sua vida. Percebi que é uma mãe bastante presente, interessada e atenta e não sente culpa da rejeição inicial pelo fato de não ter atuado (aborto), mas faz associações com a doença do filho. Quanto a limites, ela diz não ter problemas, diz que é uma relação tranqüila, pois seu filho é obediente e ela o admira por isso.

DO VENTRE COMO DEPÓSITO, REJEIÇÃO, DESQUALIFICAÇÃO A RELAÇÃO AMOROSA E DEDICADA AO FILHO

Este será identificado como “Caso 3”. Foi a terceira e última entrevista, realizada no dia 22 de novembro de 2007. Na referida data, a mãe estava com 36 anos de idade, casada e seu filho com 6 anos e 10 meses, nascido de cesárea.

Concordando com os estudos de Maldonado (2002), esse relato apresenta a influência do mercado de trabalho na rejeição da mãe, ao descobrir sua gravidez, em função de estar cultivando diversos interesses, sendo um deles o profissional. O fato de ter um filho, nesse dado momento, para ela acarretaria conseqüências bastante significativas, principalmente, privações, que de fato aumentaram a tensão e intensificaram a ambivalência desta mãe que por um período não encontrou gratificação na gravidez e alterou a forma de vincular-se ao seu feto.

Assim, a descoberta da gravidez para esta mãe foi a pior coisa que podia ter acontecido naquele dado momento, pois tinha como prioridade o seu trabalho e, em função disso, a gravidez tornava-se um empecilho. O fato de rejeitar fez com que ela proibisse o marido de divulgar a outras pessoas, pois não sabia como lidar, ainda, com essa nova mudança em sua rotina, pois já tinha uma filha de 2 anos e 10 meses na época. Então, o sentimento marcante dessa fase foi a rejeição, mas, ao mesmo tempo, uma forte culpa por estar sentindo isso, algo que ia contra seus credos, mas era mais forte. Conseqüentemente, essa mãe apenas conseguia ver o lado negativo dessa gravidez, passando inclusive por problemas de saúde que acabaram sendo exaltados nessa época.

Dessa forma, o período compreendido até o 6º mês de gestação, foi marcado por uma rejeição culposa, cobranças por estar se sentindo assim, não se imaginava com outro bebê e o fato desse se mexer era motivo de incômodo, não curtia a gestação, sentia muita amargura, tristeza, desprazer e culpa.

A comunicação com o feto era por obrigação e a descoberta do sexo do bebê causou mais rejeição, porque o fato de ter que mudar a decoração e não ter lidado, ainda, com filho do sexo masculino, provocava desânimo e desmotivação. Por estar consciente de suas atitudes de rejeição fez com que ela recorresse a sua fé para tentar reverter essa situação que fazia ela sentir-se mal, ver toda essa experiência apenas como um período ruim. Mesmo o momento das ultrassonografias era desprazeroso; ouvir as batidas do coração do feto não a tocou, apenas sentia-se carregando um depósito em seu ventre, pois não sentia amor nem carinho e, com isso, não queria nem escutar os batimentos cardíacos e nem ver as imagens de seu filho.

Após o 6º mês de gestação, houve uma mudança significativa para esta mãe, pois começou uma aceitação progressiva e com isso envolveu-se mais com os cuidados e preparativos para a chegada do bebê, conseqüentemente, o medo do filho rejeitá-la era bastante presente, a culpa era inevitável e a vontade de compensar os seis meses anteriores perdidos era seu maior objetivo. O amor por esta gestação estava sendo vivenciado pela primeira vez. Com isso, sentir seu feto mexer já havia se tornado um momento prazeroso bem como a escolha do nome e a decoração do quarto. A mãe também passou a preocupar-se em preparar sua filha para a chegada do irmãozinho, conversando bastante com ela sobre isso. Nesse momento, a motivação era forte, havia uma supervalorização e dedicação ao feto, sentia muita curiosidade nas ultrassonografias, os problemas de saúde passaram e a sua fé a tornava mais confiante.

Com o nascimento, a relação mãe-bebê era permeada inicialmente por culpa, o parto foi marcado por muita emoção e chorou o tempo todo, tinha medo de não gostar do bebê ao vê-lo, mas o amor foi imediato. Sentiu a necessidade de pedir perdão, diariamente, para o bebê durante um ano, tinha muito medo de ser rejeitada por ele e de que o mesmo morresse. Enquanto se desqualificava como mãe, protegia, cuidava e se dedicava com muito carinho e amor pelo bebê.

Atualmente, a relação mãe-filho é marcada por muito amor, admiração, dedicação e carinho. A mãe diz ser mais tolerante para compensar a rejeição e considera os sentimentos vividos nos seis

primeiros meses da gravidez como ignorância, imaturidade e egoísmo de sua parte, mas hoje se sente perdoada. Para ela seus filhos são prioridade e têm uma relação muito próxima. Percebi nela uma leve insegurança em relação à aceitação como mãe pelo filho. Quanto ao fato de dar limites, é uma relação tranqüila e o único fato marcante, nesse sentido, foi quando reviveu, uma vez, o sentimento de culpa numa atitude que tomou com o filho devido à reação dele. Não vê reflexos da rejeição no comportamento do filho. Disse que é uma criança amável, obediente e feliz. Para ela esse é o filho que gostaria de ter, pois trouxe muitas alegrias, uma vida melhor e que a convivência retira a rejeição e aumenta os bons sentimentos, vencidos, também, com o auxílio de sua fé.

2. ENLACE DE DADOS E RESULTADOS

Abaixo, serão descritos e analisados alguns temas emergentes desta síntese e que foram separados em categorias temáticas. Todos os nomes foram trocados para garantir a confidencialidade das identidades dos participantes.

Para uma melhor compreensão de cada categoria, serão apresentados excertos de falas das participantes.

SENTIMENTOS DAS MÃES FRENTE À DESCOBERTA DA GRAVIDEZ

As falas das mães entrevistadas indicam que os sentimentos vivenciados por elas, frente a descoberta da gravidez, foram muito negativos, dominando a rejeição, a tristeza, o desespero, a ambivalência afetiva, a negação e, ao mesmo tempo, muita culpa por estarem sentindo isso. Podemos, assim, observar nos dois casos a seguir.

Mãe Caso II: "... eu comecei a me apavorar porque eu tive a confirmação, ah! O que eu faço meu Deus do céu... eu chorava muito... quando eu estava sozinha aí eu começava a chorar, me lembrava... eu queria, mas ao mesmo tempo, por eu ser nova eu não

queria, então eu tinha os dois sentimentos. Eu queria por um lado e não queria por outro...” Mãe Caso III: “... A minha reação foi, para mim, a pior coisa que podia acontecer naquele momento por várias razões... era algo que realmente não estava nos planos. Então, eu não queria passar por isso, porque a gente tem consciência de que não está fazendo certo, quando você rejeita um filho... em nenhum momento passou na minha cabeça interromper a gravidez...”

Pode-se pensar que a descoberta de uma gravidez, quando não planejada e nem desejada, causa diversos sentimentos na mãe que influenciarão na forma como esta vivenciará sua gestação e como irá se comunicar com seu feto, bebê e filho. De acordo com Raphael-Leff (1997), em relação à gravidez, existem tantas reações quanto forem as mulheres grávidas. Algumas se sentem enriquecidas, outras se sentem vazias, algumas se entregam ao processo emocional da gravidez, outras resistem à introspecção, algumas mudam seu modo de vida para se adaptar à gravidez, outras continuam como antes, algumas sentem o feto como uma presença benigna, outras o sentem como um invasor. Isso tudo ocorre devido às variações individuais, às flutuações emocionais durante a gestação e, também, à singularidade da configuração do mundo interno de cada uma.

Essas mães não curtiram, por um determinado tempo, essa fase tão marcante na vida de uma mulher devido às vivências negativas que tiveram e, com isso, a relação com seus fetos, bebês e filhos foram muitas vezes permeadas pelo sentimento de culpa por causa da rejeição que tiveram; algo que a mãe do Caso I carrega consigo até hoje e isso faz com que a relação mãe-filho sofra as influências negativas dessa experiência.

Mãe Caso I: “... deu um desespero né, porque eu não queria... comprei um teste para ter certeza né, fiz e deu, mas eu não queria acreditar... aí fui fazer um exame de sangue... eu já sabia o resultado... só uma confirmação. E eu não me aceitei e tomei várias coisas e cheguei até comprar um remédio... me senti mal, triste, com culpa de mim mesmo, porque era uma coisa que eu não queria ... Nojo, sentia nojo, não me olhava, não me gostava, enquanto eu pude esconder eu escondia (barriga).”

Dessa forma, concordando com Winnicott (1975b), quando diz que, inicialmente, pode acontecer da mulher se ressentir do fato de estar grávida, pois poderá vislumbrar, com demasiada clareza, a terrível interferência na sua própria vida que isso significa e o que ela vê é a pura realidade. Os bebês são uma carga de trabalho e um embaraço positivo, a menos que sejam desejados. Se uma mulher não começou ainda a querer o bebê no seu ventre, não pode evitar sentir-se infeliz.

Percebe-se, então, que o sentimento de culpa proveniente da rejeição pela gravidez indesejada é algo inevitável, sendo variável a sua intensidade e permanência, mas, conseqüentemente, influenciará nas atitudes da mãe com seu filho. Em todos os casos, esse sentimento de rejeição foi reconhecido como algo errado, pois sabe-se que culturalmente ele é desprezível, principalmente, quando vivenciado pela figura materna que tanto é reverenciada pela sociedade com seu pano de fundo de amorosidade, compaixão, amor incondicional e pleno, mas que nem sempre condiz com a realidade interna e externa de todas as mães.

ACEITAÇÃO E REJEIÇÃO DA GRAVIDEZ: DESEJOS AMBIVALENTES

As análises das falas, a seguir, indicam que os anseios profissionais e estudantis, a entrada recente no mercado de trabalho depois de longa espera, os credos, a reação do esposo e de pessoas próximas frente à gestação e à cultura familiar, foram influências marcantes para as mães no seu processo de aceitação e rejeição da gravidez. Isso se constata nas seguintes falas.

Mãe Caso I: "... como eu vou dizer, era uma coisa ruim, como que eu ia ir à aula, porque eu queria terminar, faltava pouco tempo... um dia eu fui à Igreja e falei com o padre e pedi para ele me absolver daquela culpa, daquelas coisas que eu fiz, para mim poder ir descansada ganhar ele, para me sentir livre ... depois eu falei para o Sol... (pai bebê) e aquilo que me motivou muito, porque ele ficou muito feliz." Mãe Caso II: "Me lembro até hoje que eu disse para a médica: o que eu vou dizer para minha mãe.... eu não queria, eu não

queria mesmo, para aceitar foi difícil, mesmo eu indo na médica, aceitar por toda uma carga que vinha né, da família eu acho que a minha não aceitação com ele era por causa de outros, não por causa minha, era por causa de toda uma bagagem, o que eu tinha em casa ...” Mãe Caso III: “... Naquele momento, para mim, o trabalho era mais importante, então o fato de eu estar voltando para o mercado de trabalho, eu era formada há pouco tempo e tinha ficado mais tempo fora do trabalho do que dentro, então eu achava que eu tinha aquela necessidade de voltar...”

Citarei a seguir autores que falam sobre as sínteses mais significativas, segundo as falas das mães, as quais irei ressaltar. De acordo com Brazelton e Cramer (2002), as atitudes do pai têm forte influência sobre o processo de gravidez, o parto e a construção do apego. O apoio emocional do companheiro durante a gravidez contribui para a melhor adaptação da mulher ao processo de gestação.

Para Winnicott (1983), o estudo do sentimento de culpa implica para o analista o estudo do crescimento emocional do indivíduo; geralmente, considera-se esse sentimento como algo que resulta do ensinamento religioso ou moral, mas para o autor o sentimento de culpa não é algo inculcado, mas é um aspecto do desenvolvimento do indivíduo.

Concordando com Brazelton (1988), também há um conflito básico em todos os pais, ou seja, os desejos contraditórios quanto a ter ou não o bebê. A maioria desses pais sentirá que sempre devem negar o desejo de não terem o filho, assim, o desejo traduz-se em medos mais aceitáveis, como o medo pela segurança e saúde do bebê.

COMUNICAÇÃO MATERNO-FETAL: CONSTRUINDO PONTES PARA A VIDA ENTRE A CULPA E O AMOR

Os depoimentos das mães mostram que a afetividade está relacionada com a origem da maternidade, onde a mãe passa a amar, proteger e compreender seu feto em seus movimentos e relacionada,

também, à insegurança, rejeição, raiva e depois culpa, pois podem, ainda, rechaçar e agredir seu feto (tentativa de aborto, xingamentos), mas, após a aceitação, amá-lo. Isso indica a ambivalência afetiva presente nessa fase.

Mãe Caso I: “Ah, porque tu está aqui na minha barriga, porque tu não sai, porque tu não morre, essas coisas.... meu filho, me desculpa, a mãe fez coisas que tu ficou aí dentro meio ruim, isso te fez mal ... no momento que ele começou a se mexer, então, eu pensava: será que ele está me cobrando, quando ele dava chutes, então tu pensa tanta coisa que eu nem sei te falar.”

De acordo com Winnicott (1975a), mesmo no ventre o bebê já é um ser humano distinto de qualquer outro e, no momento em que nasce, já teve uma grande soma de experiências, tanto agradáveis como desagradáveis. A mãe já conhece algumas das características do seu bebê a partir dos movimentos que ela se habituou a esperar dele no útero.

Também se constatou que a comunicação materno-fetal é realizada como ponte para o pedido de perdão, ou, simplesmente, como algo mecanizado e sem motivação em casos de gravidez indesejada e que os movimentos bruscos do feto são vistos como respostas negativas à rejeição da mãe.

Mãe Caso III: “... eu fazia isso (comunicação) mecânico e isso por obrigação, conversava, mas não era prazeroso... essa relação assim, eu, simplesmente, me sentia como se eu tivesse carregando algo que não fazia parte de mim, é só um depósito, não conseguia estreitar isso, não conseguia sentir amor em falar, carinho, eu fazia, mas totalmente pura obrigação, porque a consciência me exigia.”

Maldonado (2002), também diz que a interpretação dos movimentos fetais pela gestante constitui mais uma etapa da formação da relação materno-filial em que, na fantasia materna, o feto já começa a adquirir características peculiares e a se comunicar com a mãe através da variedade dos seus movimentos. As representações mentais e as fantasias que a gestante faz de si mesma como mãe e de seu futuro bebê influenciam o estilo de vínculo que ela formará com o filho.

Uma gravidez ser indesejada por um curto espaço de tempo pode estar relacionada ao fato da mãe não se sentir culpada pelo sentimento de rejeição que foi momentâneo, fazendo, então, parte do processo normal de ambivalência afetiva, bem como não influenciar na relação mãe-feto, como podemos ver no caso II.

Mãe Caso II: “... eu conversava com ele quando ele se mexia muito!... passava a mão na barriga, quando eu tomava banho, sempre conversava com ele, sempre, sempre.”

Segundo Winnicott (1983), em termos de ego-id o sentimento de culpa é pouco mais do que ansiedade com uma qualidade especial, ansiedade sentida por causa do conflito entre amor e ódio. O sentimento de culpa implica a tolerância da ambivalência.

Um fato importante de ser ressaltado, nesse momento, é a idéia de Piontelli (1995), quando diz que o movimento do feto representa um meio de comunicação com seu ambiente físico e humano e que, embora pareça pouco provável que as crianças se lembrem de suas experiências dentro do útero e de seus nascimentos, estas experiências são constantemente revividas e reelaboradas à medida que elas crescem e se desenvolvem.

COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ: ENTRE A CULPA E O PERDÃO, O ACONCHEGO, A CONFIANÇA E A SEGURANÇA

As falas indicam que o sentimento de culpa da mãe, quando persiste nessa fase, influencia na relação mãe-bebê, de modo que estas podem apresentar cuidados exagerados ou o oposto, deixando a responsabilidade para a figura paterna. A comunicação mãe-bebê também é permeada pelo pedido de perdão. Pode-se pensar que as mães necessitam desse desabafo como tentativa de aliviar a culpa.

Mãe Caso I: “... era sempre redemoinhando aquelas mesmas coisas (culpa) ... mesmo depois que a gente olhava, cuidava com aquele carinho exagerado, era sempre olhando, acariciando e falando ... qualquer chorinho o Sol (pai) estava lá em roda dele, como ele já demonstrava mais aquele amor, mais preocupação, mais cuidado e eu

não, até porque eu tinha que me cuidar um pouco né? ... quem levantava de noite, tudo era ele, sempre mais com ele no colo, mais apegado ... eu perguntava para ele, assim, boba né, tu me perdoa Mimo (filho) ... a mãe se arrependeu e hoje tu está aqui bonito, sadio, essas coisas que a gente conversa e se arrepende muito e depois é um peso que a gente carrega nas costas.”

Mãe Caso III: “... nesse período eu brigava por ele ... mas talvez eu exagerava, querendo suprir o que eu não havia dado antes ... eu fiquei uma semana longe (viagem), eu ligava todos os dias, eu pedia para a minha amiga por o telefone no ouvido dele e era aquela coisa “você não pode esquecer de mim, eu estou chegando, e pedia perdão ... porque na minha cabeça isso tinha ficado para ele, esse sentimento que eu não gostava dele, que eu não queria, eu tinha uma necessidade de pedir perdão para ele todos os dias, mas não só expressava isso, nas coisas que eu fazia por ele, dos cuidados gerais do carinho e tal, mas eu tinha uma necessidade de falar isso verbalmente como se ele tivesse que gravar isso, para sempre, então eu repetia...”

Segundo Prado (2006), cuidados em excesso podem causar dificuldades no processo de separação-indivuação ou gerar personalidades dependentes e inseguras. Mas, pessoas que crescem superprotegidas, talvez desenvolvam um conjunto de recursos que sempre estarão disponíveis em qualquer etapa da vida.

Para Winnicott (1975a), após o nascimento da criança, o prazer que a mãe sente ao cuidar do bebê depende de não haver tensões nem preocupações causadas pela ignorância e medo. Aqui, eu também acrescentaria a culpa, como podemos perceber nos relatos.

Conforme Brazelton (1988), o vínculo é um processo contínuo, pois o apego ao bebê não acontece da noite para o dia e, em larga extensão, naturalmente, o vínculo com o bebê é instintivo, mas não é instantâneo e automático. O período de cada passo em direção a um apego íntimo e recompensador pode variar de pais para pais mais em meses do que em dias. Nesse sentido, pode-se pensar que o sentimento de culpa pode retardar um pouco essa entrega da mãe para seu bebê como podemos perceber no relato do Caso I.

O *bonding* (contato visual e de pele) entre a mãe e o bebê recém-nascido transmite a ambos o sentimento de se pertencerem mutuamente, de união – sentimento que, natural e idealmente, deve estar presente a partir da concepção, crescendo junto com o feto. Ele dá à criança aconchego e segurança necessários para confiar na mãe. Além disso, transmite à mãe uma segurança instintiva que a ajuda a entender e responder aos sinais do bebê. Esta primeira confiança mútua nunca mais poderá ser revivida, e sua ausência pode, a priori, impossibilitar muitas coisas (MILLER, 1997, p. 39-40).

Ressaltando, então, a idéia de Toro (2002), quando fala sobre a protovivência, que nada mais é do que as experiências que o recém nascido tem durante os seis primeiros meses de vida e que são caracterizadas por suas primeiras respostas aos estímulos internos e externos, tais respostas são aprendidas e deixam uma impressão sobre a qual se desenvolvem as vivências posteriores.

COMUNICAÇÃO MÃE-FILHO: AS SOMRAS DA CULPA NO EDUCAR E NO VÍNCULO

As análises das narrativas indicam que, diferente do caso I, as mães do caso II e do caso III não são torturadas, atualmente, pela culpa da rejeição e têm uma ótima relação e entrega com seu filho que um dia foi rejeitado. Isso faz pensar que o sentimento de culpa pode estar influenciando diretamente na relação mãe-feto, mãe-bebê e mãe-filho, mas que o mesmo só é enfatizado, quando a rejeição foi muito intensa e não resolvida internamente e, quando também houve tentativa de aborto como no caso I.

Mãe Caso I: “... eu tento preencher... eu tento dar coisas para ele, não dar muito em cima dele, dar um pouco mais de liberdade... eu tento dar carinho para ele, tento ser mais carinhosa com ele, às vezes relevo certas coisas... às vezes cruzo em algum lugar compro um carrinho e levo para ele, para ver se o amor dele vai aumentar e vai diminuir o meu sentimento de culpa e ele vai se convencer que a mãe dele ama mais ele hoje e vai diminuir o meu sentimento... quando eu ralho com ele, quando eu brigo com ele, que eu surro ele,

que ele não me obedece, daí, então, ele chora, daí eu coloco ele de castigo aí ele esperneia e fala coisas e coisas: eu não gosto de ti, tu é muito brava, eu não quero que tu seja mais a minha mãe, então aquilo volta, volta, volta com “bastante força”, assim, sabe, então as vezes eu choro, me lembro né, e eu penso o “que eu tinha que fazer isso né” (rejeição), nesse momento que às vezes eu me lembro mais, que vem mais forte.”

Percebe-se, também, que a culpa sentida em função da rejeição pode estar relacionada ao fato dessas mães tornarem-se mais permissivas, mais tolerantes na hora de dar limites, ou, até mesmo, o fato de presentearem seus filhos com o intuito de compensar esse sentimento, quando esse as perseguem. Mesmo as mães que relataram não se culparem, atualmente, em determinadas situações, revivem esse sentimento, principalmente, na hora de dar limites, quando os filhos ficam muito chateados e tristes.

Aqui, quando menciono a influência da culpa também na relação mãe-feto e mãe-bebê, quero relacionar ao fato de que, nos relatos, percebeu-se que, quando esse sentimento era presente, essas mães agiam de diversas formas para compensar esse sentimento que no fundo era proveniente da rejeição que sentiam ou, mesmo, porque esse sentimento bloqueava qualquer tentativa de motivação em relação a qualquer manifestação de comunicação.

Mãe Caso III: “... talvez eu seja mais tolerante com ele em algumas coisas em função disso (rejeição/culpa),... eu vejo que tem algumas coisas que pendem para isso, talvez seja um resultado disso, de eu compensar esse período que não foi desejado...”

Pensando na importância da relação mãe-filho, alguns autores referem-se ao tema, dentre eles Winnicott (1983), quando ressalta que os processos de maturação formam a base do desenvolvimento do lactante e da criança, tanto em psicologia como em anatomia e fisiologia. Assim, no desenvolvimento emocional fica claro que certas condições externas são necessárias para os potenciais de maturação se realizarem, isto é, o desenvolvimento depende de um ambiente suficientemente bom e, quanto mais para trás se vai no estudo do bebê, tanto mais isso é verdade, que sem maternidade

suficientemente boa os estágios iniciais do desenvolvimento não podem ter lugar.

Winnicott (1975a), ainda fala que o fato dos bebês se converterem em adultos saudáveis, em indivíduos independentes, mas socialmente preocupados, depende totalmente de que lhes seja dado um bom princípio, o qual está assegurado pelo vínculo do amor. Assim, o estabelecimento, desde muito cedo, de completas relações humanas e a sua manutenção têm o maior valor no desenvolvimento da criança.

Também temos Toro (2002) que cita o autor René Spitz, quando fala sobre as síndromes clínicas produzidas pela carência de afeto na primeira infância, a partir de crianças hospitalizadas, onde as crianças crescidas em instituições em seus primeiros meses de vida e privados de amor materno, sofrem danos irreversíveis referentes à motricidade, linguagem, desenvolvimento intelectual e afetividade.

Para Bee (1984), essas relações que se estabelecem leva tempo e ensaios, mas o resultado é a calma e o prazer mútuo, pois quanto mais fácil e previsível se torna o processo, maior satisfação os pais sentem e mais forte se torna o vínculo com o filho.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas a partir das falas das três mães, indicam que o percurso da afetividade na gravidez indesejada é permeado, principalmente, pelo sentimento de culpa vivenciado, decorrente da rejeição sentida em relação ao feto. Estão também presentes sentimentos de raiva, angústia, auto-depreciação e tristeza, que influenciam no vínculo, tendo o feto, o bebê e o filho participação importante no desencadeamento e intensificação desses estados emocionais, a partir da forma como a mãe interpreta os comportamentos desses.

Assim, a comunicação mãe-feto, mãe-bebê e mãe-filho, quando perpassada pelo sentimento de culpa, sofre influências, pelo fato dessas mães desenvolverem comportamentos diferenciados

como o pedido de perdão pela rejeição, bem como o fato de mostrarem-se mais permissivas e tolerantes na hora de dar limites, muitas vezes, até, presenteando seus filhos como forma de compensar a rejeição e amenizar sua culpa.

Diante dessas constatações, percebeu-se que a comunicação mãe-feto, mãe-bebê e mãe-filho é bidirecional também em casos de gravidez indesejada, ou seja, há uma reciprocidade na relação de forma que o comportamento de um desencadeia a comunicação do outro e vice-versa.

Lendo os depoimentos dessas mães e, lembrando suas emoções durante os mesmos, deparei-me com vários questionamentos antes não pensados em relação à figura materna. Percebe-se que a sociedade impõe, rotula e reforça uma imagem de mãe que nem sempre condiz com a realidade vivida por cada uma, trazendo com isso uma carga muito grande de responsabilidades. Mas nem sempre essas exigências são compatíveis com o que suas vivências proporcionam, podendo gerar sentimentos dos mais variados possíveis, desde o amor materno tão esperado, como a rejeição que tanto é discriminada e em função disso, inevitavelmente, a culpa.

Isso nos faz pensar que o fato de dizer não à maternidade através da rejeição pela gravidez é uma realidade extremamente difícil e conflituosa para as mães, agravando-se mais pelo medo do julgamento moral, do receio da censura familiar e também da discriminação social, sendo que, na maioria das vezes, tentam omitir o fato de vivenciarem uma gravidez indesejada.

Nesse sentido, o presente estudo pode contribuir com as pessoas envolvidas nesse processo, cito aqui mães, pais, irmãos, familiares, profissionais e estudantes, que a maternidade é algo mais complexo do que se pensa, envolvendo muitas mudanças e reestruturações no cotidiano de uma família, principalmente, as emocionais, pois, com certeza, cada gestação será diferente da outra, pois vai depender não só das exigências internas, mas, também, das influências do meio naquele dado momento.

É importante ressaltar que o assunto é vasto e abrangente, sendo que várias outras pesquisas seriam de grande valia para a compreensão de um tema ainda pouco explorado. Dessa forma, sugiro os vínculos transgeracionais como tema para futuras pesquisas, ou seja, também investigar a relação de gestantes com suas mães e pais, que sentimentos foram alimentados, que fantasias foram criadas e ver se há influências dessas vivências em casos de gravidez indesejada e na relação materno filial. Prado (2006), refere-se aos aspectos da história dos pais, cuja influência é determinante para delinear o modo como vão relacionar-se com seus filhos, pois normalmente esses estabelecem vínculos com o passado por meio dos seus filhos, fortalecendo-os através da revivência de ligações afetivas com seus próprios pais.

Sabe-se que os bebês humanos são as criaturas mais frágeis da natureza, pois sobrevivem, somente, quando recebem cuidados apropriados e desenvolvem-se, adequadamente, somente quando recebem atenção e proteção, alimento, calor, aconchego, cuidados de higiene e de saúde além de muito afeto. Também a importância do olhar amoroso dos pais e/ou cuidadores é que faz florescer o bebê, construindo sua identidade, auto-estima e capacidade de relacionar-se com outras pessoas, bem como a noção do que é fundamental na vida.

Com isso quero ressaltar a importância do apoio profissional em casos de gravidez indesejada, pois essas vivências, como podemos perceber nos relatos, quando não resolvidas, internamente, pela mãe, podem influenciar negativamente na relação com seu feto, bebê e filho.

Sendo assim, precisamos ouvir o que essas mães têm a dizer acerca de suas necessidades e de seus desejos, pois elas demandam de apoio, compreensão e de momentos que lhes permitam compartilhar suas vivências que foram permeadas de angústias, tristezas, arrependimento e culpa pela rejeição de não quererem o filho que geravam em seu útero.

Com certeza, o tema não se esgota por aqui, pois o presente estudo pode contribuir para o avanço das pesquisas que também ressaltam a importância dos efeitos da relação materno-filial e auxilie

aqueles profissionais que buscam uma maior compreensão sobre os implicados nesta relação e possam, dessa forma, aprimorar o atendimento prestado.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BEE, H. **A criança em Desenvolvimento**. 3. ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda., 1984.
- BRAZELTON, T. B. **O desenvolvimento do apego: uma família em formação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BRAZELTON, T. B; CRAMER, B. G. **As Primeiras Relações**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez: parto e puerpério**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- MILLER, A. **O Drama da Criança Bem Dotada: Bem Dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- PIONTELLI, A. **De feto a criança**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- PRADO, L. C. **Entre a realidade e os sonhos: o desafio das famílias com bebês**. Porto Alegre: L. C. Prado, 2006.
- RAPHAEL – LEFF, J. **Gravidez: a história interior**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1997.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- TORO, R. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás, 2002.
- WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. **A criança e o seu mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975a.
- _____. **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b.